

METODOLOGIAS ATIVAS NO ENSINO FUNDAMENTAL I: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA SOBRE A PROMOÇÃO DA APRENDIZAGEM SIGNIFICATIVA

ACTIVE METHODOLOGIES IN ELEMENTARY SCHOOL I: AN EXPERIENCE REPORT ON PROMOTING MEANINGFUL LEARNING

Sandra de Lourdes Andrade Jovial Macarini¹

Resumo: As constantes transformações sociais e educacionais têm exigido das instituições de ensino práticas pedagógicas capazes de favorecer a participação ativa dos estudantes na construção do conhecimento. Nesse contexto, as metodologias ativas configuram-se como importantes estratégias para promover uma aprendizagem significativa, estimulando a autonomia, o pensamento crítico, a colaboração e a resolução de problemas. O presente estudo tem como objetivo relatar uma experiência pedagógica desenvolvida no 3º ano do Ensino Fundamental I, 25 alunos, rede municipal de ensino, ano de 2025, evidenciando as contribuições das metodologias ativas para o desenvolvimento da aprendizagem dos estudantes. Trata-se de um relato de experiência, de abordagem qualitativa e caráter descritivo, fundamentado em referenciais teóricos da educação contemporânea. Durante a realização das atividades, foram utilizadas estratégias como aprendizagem baseada em problemas, trabalho colaborativo, rotação por estações, gamificação, uso de jogos pedagógicos, recursos tecnológicos e atividades investigativas, possibilitando maior protagonismo dos alunos no processo de ensino e aprendizagem. Os resultados observados indicam aumento do interesse, da participação, da interação entre os estudantes, além de avanços na autonomia, na capacidade de resolução de problemas e na consolidação das habilidades previstas pela Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Conclui-se

¹ Licenciada em Pedagogia pela Universidade Metropolitana de Santos e em Letras pela Universidade do Oeste Paulista. Professora Ensino Fundamental, nas Séries Iniciais.

que a adoção das metodologias ativas favorece a construção de uma aprendizagem mais significativa, dinâmica e contextualizada, contribuindo para o desenvolvimento integral dos estudantes dos anos iniciais do Ensino Fundamental.

Palavras-chave: Metodologias Ativas. Ensino Fundamental I. Aprendizagem Significativa. Práticas Pedagógicas. Protagonismo Estudantil.

Abstract: The constant social and educational changes have demanded that schools adopt teaching practices that encourage students to actively participate in knowledge building. In this context, active methodologies stand out as important strategies to promote meaningful learning, fostering autonomy, critical thinking, collaboration, and problem-solving. This study aims to share a teaching experience carried out in the 3rd grade of Elementary School I, with 25 students, in the municipal school system in 2025, highlighting the contributions of active methodologies to student learning. It is an experience report, with a qualitative and descriptive approach, based on contemporary education theoretical frameworks. This is an experience report with a qualitative and descriptive approach, based on theoretical frameworks of contemporary education. During the activities, strategies such as problem-based learning, collaborative work, station rotation, gamification, the use of educational games, technological resources, and investigative activities were used, allowing students to take a more active role in the teaching and learning process. The observed results indicate increased interest, participation, and interaction among students, as well as improvements in autonomy, problem-solving skills, and the consolidation of the skills outlined by the National Common Curricular Base (BNCC). It can be concluded that adopting active methodologies encourages more meaningful, dynamic, and contextualized learning, contributing to the overall development of early elementary school students.

Keywords: Active Methodologies. Elementary Education. Meaningful Learning. Student-Centered Learning.

INTRODUÇÃO

A educação contemporânea vem passando por profundas transformações decorrentes das mudanças sociais, culturais e tecnológicas que caracterizam a sociedade do conhecimento. Nesse cenário, torna-se cada vez mais necessário repensar as práticas pedagógicas tradicionalmente centradas na transmissão de conteúdos, buscando estratégias que favoreçam a participação efetiva dos estudantes na construção do conhecimento.

Nos anos iniciais do Ensino Fundamental, essa necessidade torna-se ainda mais evidente, uma vez que as crianças aprendem de maneira mais significativa quando participam ativamente das experiências de aprendizagem, estabelecendo relações entre os conteúdos escolares e as situações vivenciadas em seu cotidiano. Assim, o professor deixa de ocupar exclusivamente a posição de transmissor do conhecimento e passa a atuar como mediador, organizador de situações didáticas e incentivador da investigação, da cooperação e da autonomia.

Segundo Freire (1996), ensinar não consiste em transferir conhecimentos prontos aos estudantes, mas criar condições para que eles construam seus próprios saberes por meio da reflexão, da investigação e do diálogo. Nessa perspectiva, o estudante assume papel protagonista, tornando-se sujeito ativo do processo educativo.

As metodologias ativas representam uma proposta pedagógica alinhada a essa concepção de educação. Conforme Bacich e Moran (2018), tais metodologias colocam o estudante no centro do processo de aprendizagem, promovendo experiências que estimulam a participação, a colaboração, a criatividade e a resolução de problemas reais.

Moran (2018) afirma que aprender envolve experimentar, pesquisar, discutir, refletir e construir conhecimentos coletivamente. Dessa forma, as metodologias ativas favorecem o desenvolvimento de competências cognitivas, socioemocionais e comunicativas, preparando os estudantes para atuar de forma crítica e responsável na sociedade.

A Base Nacional Comum Curricular (Brasil, 2018) também reforça essa perspectiva ao destacar a importância de práticas pedagógicas que promovam autonomia, pensamento crítico, cultura digital, resolução de problemas, argumentação e protagonismo dos estudantes. Dessa maneira, as metodologias ativas tornam-se importantes aliadas para o desenvolvimento das competências gerais previstas no documento.

Além disso, a aprendizagem significativa proposta por Ausubel (2003) evidencia que novos conhecimentos são assimilados quando podem ser relacionados aos conhecimentos prévios dos estudantes, favorecendo uma aprendizagem duradoura e funcional. Tal concepção encontra respaldo nas metodologias ativas, que valorizam as experiências dos alunos e sua participação efetiva durante todo o processo educativo.

Diante desse contexto, o presente estudo tem como objetivo relatar uma experiência pedagógica desenvolvida no Ensino Fundamental I por meio da utilização de metodologias ativas, analisando suas contribuições para a promoção da aprendizagem significativa, do protagonismo estudantil e do desenvolvimento das competências previstas pela BNCC.

Fundamentação Teórica

A aprendizagem constitui um processo complexo que envolve aspectos cognitivos, sociais, culturais e afetivos. Diversos estudiosos da educação defendem que a construção do conhecimento ocorre por meio das interações estabelecidas entre o indivíduo, seus pares e o ambiente em que está inserido.

Para Piaget (1976), a aprendizagem resulta da interação entre assimilação e acomodação, processos responsáveis pela reorganização constante das estruturas cognitivas da criança. Nessa perspectiva, o estudante aprende ao agir sobre os objetos, experimentar diferentes situações e construir significados a partir de suas próprias experiências.

Complementando essa visão, Vygotsky (1998) destaca que o desenvolvimento humano

ocorre por meio das relações sociais. O autor introduz o conceito de Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP), demonstrando que a aprendizagem é potencializada quando o estudante conta com a mediação do professor ou de colegas mais experientes. Assim, o trabalho colaborativo constitui elemento essencial para a construção do conhecimento.

Ausubel (2003) acrescenta que a aprendizagem torna-se significativa quando novos conteúdos relacionam-se de maneira não arbitrária aos conhecimentos previamente existentes na estrutura cognitiva do estudante. Dessa forma, o planejamento pedagógico deve considerar os saberes prévios dos alunos e promover situações que possibilitem a atribuição de significado aos conteúdos escolares.

Na perspectiva democrática da educação, Freire (1996) defende uma prática pedagógica baseada no diálogo, na problematização da realidade e na valorização da experiência dos educandos. Para o autor, ensinar exige respeito aos conhecimentos construídos socialmente pelos estudantes, favorecendo processos educativos emancipatórios.

Esses pressupostos encontram-se presentes nas metodologias ativas, que buscam transformar o estudante em protagonista do processo educativo. Conforme Bacich e Moran (2018), essas metodologias compreendem um conjunto de estratégias pedagógicas que estimulam investigação, resolução de problemas, projetos, estudos de caso, aprendizagem colaborativa, gamificação, sala de aula invertida e outras práticas voltadas ao desenvolvimento integral dos estudantes.

Moran (2018) enfatiza que as metodologias ativas não representam apenas novas técnicas de ensino, mas uma mudança de paradigma educacional, na qual o foco desloca-se do ensino para a aprendizagem. Nesse modelo, o professor atua como mediador, orientador e facilitador da construção do conhecimento, promovendo experiências diversificadas que despertam a curiosidade, a criatividade e o pensamento crítico.

No contexto do Ensino Fundamental I, essas estratégias tornam-se especialmente relevantes, pois respeitam as características do desenvolvimento infantil, favorecendo atividades lúdicas, investigativas e colaborativas que potencializam a alfabetização, o raciocínio lógico, a oralidade, a produção textual e a resolução de problemas em diferentes áreas do conhecimento.

Metodologia

O presente estudo caracteriza-se como um relato de experiência, de abordagem qualitativa, natureza aplicada e caráter descritivo, fundamentado na observação sistemática das práticas pedagógicas desenvolvidas em uma turma, de 25 alunos, do 3º ano do Ensino Fundamental I, no ano 2025. Segundo Gil (2008), a pesquisa qualitativa possibilita compreender fenômenos educacionais em sua complexidade, considerando os significados atribuídos pelos participantes às experiências vivenciadas no contexto escolar.

O relato de experiência constitui uma modalidade de produção científica amplamente utilizada na área da Educação por possibilitar a socialização de práticas pedagógicas inovadoras, favorecendo a reflexão sobre o fazer docente e a construção coletiva de conhecimentos. Conforme Ludke e André (2018), esse tipo de investigação permite compreender os processos educativos a partir da realidade vivenciada, valorizando as ações desenvolvidas em contextos reais de ensino.

A experiência foi desenvolvida em uma turma do 3º ano do Ensino Fundamental I, composta por 25 estudantes, cuja heterogeneidade em relação aos níveis de aprendizagem evidenciava a necessidade de um planejamento pedagógico flexível e de intervenções diferenciadas. A avaliação diagnóstica inicial revelou que dois estudantes se encontravam no nível pré-silábico de escrita, apresentando dificuldades de atenção e concentração durante as explicações, ritmo mais lento na realização das atividades e necessidade de mediação constante por parte da professora.

Além disso, cinco estudantes apresentavam escrita em nível alfabético ainda pouco consolidado, conseguindo registrar palavras e frases simples, porém com recorrentes trocas, omissões e substituições de letras, bem como limitações na produção de pequenos textos com coerência e autonomia.

Observou-se também que dez estudantes demonstravam desempenho compatível com as expectativas para o ano de escolaridade, realizando leituras de textos com compreensão satisfatória e

acompanhando adequadamente os conteúdos e as atividades propostas em sala de aula.

Por fim, um grupo de sete estudantes apresentava desempenho acadêmico mais avançado, caracterizado por leitura fluente, participação ativa nas aulas dialogadas, mobilização de conhecimentos prévios, argumentação consistente e realização das atividades com maior autonomia. Essa diversidade de perfis reforçou a necessidade de desenvolver práticas pedagógicas pautadas nas metodologias ativas, capazes de contemplar diferentes ritmos, estilos e necessidades de aprendizagem, promovendo a participação e o avanço de todos os estudantes.

Considerando essa heterogeneidade, o planejamento pedagógico buscou atender às diferentes necessidades educacionais por meio de estratégias diversificadas que estimulassem a participação ativa dos estudantes durante todo o processo de ensino e aprendizagem.

As atividades foram planejadas em consonância com a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), priorizando o desenvolvimento das competências gerais e das habilidades específicas dos componentes curriculares. As propostas tiveram como princípio norteador a aprendizagem significativa, valorizando os conhecimentos prévios dos estudantes, suas experiências cotidianas e a construção coletiva do conhecimento.

Durante o desenvolvimento das ações pedagógicas, foram utilizadas diferentes metodologias ativas, entre elas:

- Aprendizagem Baseada em Problemas (Problem Based Learning – PBL);
- Aprendizagem Baseada em Projetos;
- Rotação por Estações de Aprendizagem;
- Gamificação;
- Jogos pedagógicos;
- Aprendizagem colaborativa;
- Rodas de conversa;
- Sequências didáticas investigativas;

- Uso de recursos digitais e audiovisuais;
- Atividades práticas e experimentais.

A Aprendizagem Baseada em Problemas foi utilizada por meio da apresentação de situações desafiadoras relacionadas ao cotidiano dos estudantes, incentivando-os a levantar hipóteses, pesquisar informações, discutir alternativas e construir soluções coletivamente. Essa estratégia favoreceu o desenvolvimento do pensamento crítico, da argumentação e da autonomia intelectual.

A Rotação por Estações consistiu na organização da sala em diferentes espaços de aprendizagem, cada um contendo desafios específicos relacionados aos conteúdos trabalhados. Os estudantes realizavam rodízio entre as estações, desenvolvendo atividades diversificadas que contemplavam leitura, escrita, resolução de problemas, jogos matemáticos, produção artística e utilização de recursos tecnológicos. Essa metodologia possibilitou maior dinamismo às aulas e respeitou diferentes ritmos de aprendizagem.

A gamificação foi incorporada ao planejamento por meio de desafios, missões, pontuações simbólicas, trilhas de aprendizagem e atividades lúdicas que estimularam a motivação dos estudantes. Segundo Moran (2018), elementos presentes nos jogos potencializam o engajamento dos alunos e favorecem a aprendizagem ao transformar desafios em oportunidades de construção do conhecimento.

Os jogos pedagógicos também desempenharam papel relevante durante a experiência. Foram utilizados materiais manipuláveis, jogos de alfabetização, jogos matemáticos, quebra-cabeças, dominós educativos, trilhas, cartas e atividades interativas, proporcionando situações em que os estudantes precisavam formular estratégias, tomar decisões, estabelecer relações e trabalhar de forma cooperativa.

Outra estratégia amplamente utilizada foi a aprendizagem colaborativa. Os estudantes realizaram atividades em duplas e pequenos grupos, compartilhando ideias, discutindo hipóteses, socializando conhecimentos e auxiliando colegas durante a realização das tarefas. Essa prática encontra respaldo na teoria histórico-cultural de Vygotsky (1998), ao evidenciar que a interação social

favorece a construção do conhecimento.

As rodas de conversa constituíram importantes momentos de diálogo e reflexão. Nessas ocasiões, os estudantes puderam expressar opiniões, relatar experiências, levantar questionamentos e construir coletivamente novos conhecimentos. Além de favorecer o desenvolvimento da oralidade, essa estratégia fortaleceu o respeito às diferentes ideias e promoveu a ampliação do repertório cultural dos participantes.

As atividades investigativas também fizeram parte do planejamento pedagógico. Em Ciências, por exemplo, os estudantes realizaram observações, levantaram hipóteses, registraram descobertas e elaboraram conclusões a partir de experimentações simples. Em Língua Portuguesa, desenvolveram práticas de leitura compartilhada, interpretação textual, produção de textos e pesquisas relacionadas aos gêneros estudados. Em Matemática, resolveram situações-problema contextualizadas, utilizaram materiais concretos e participaram de desafios envolvendo raciocínio lógico.

Os recursos tecnológicos foram empregados como instrumentos de mediação da aprendizagem. Vídeos educativos, apresentações multimídia, jogos digitais, plataformas interativas e pesquisas orientadas ampliaram as possibilidades de aprendizagem, tornando as aulas mais dinâmicas e aproximando os conteúdos da realidade dos estudantes. Conforme Kenski (2012), a integração das tecnologias digitais às práticas pedagógicas favorece ambientes de aprendizagem mais interativos e colaborativos.

A avaliação ocorreu de maneira contínua, processual e diagnóstica, respeitando os princípios da avaliação formativa. Foram considerados diversos instrumentos, tais como observação direta, registros em diário de campo, participação nas atividades, produções escritas, resolução de problemas, trabalhos em grupo, autoavaliação e acompanhamento da evolução individual dos estudantes ao longo das propostas pedagógicas.

Mais do que verificar a aprendizagem ao final das atividades, a avaliação foi utilizada como instrumento de acompanhamento do desenvolvimento dos estudantes, permitindo identificar dificuldades, replanejar intervenções pedagógicas e propor novas estratégias de ensino. Luckesi

(2011) destaca que a avaliação deve assumir caráter mediador, contribuindo para o aprimoramento das práticas educativas e para a promoção da aprendizagem.

Durante todo o processo, o professor atuou como mediador da aprendizagem, incentivando a investigação, formulando questionamentos, propondo desafios, acompanhando os grupos e oferecendo intervenções sempre que necessário. Essa postura favoreceu o desenvolvimento da autonomia dos estudantes, sem perder de vista o papel orientador da docência.

A experiência evidenciou que a utilização articulada de diferentes metodologias ativas possibilitou atender à diversidade presente na sala de aula, favorecendo a participação de estudantes com diferentes estilos e ritmos de aprendizagem. Ao assumir papel protagonista, os alunos demonstraram maior envolvimento nas atividades, desenvolveram competências cognitivas, socioemocionais e comunicativas e estabeleceram relações mais significativas com os conteúdos escolares.

Dessa forma, a metodologia adotada buscou não apenas transmitir conhecimentos, mas criar situações em que os estudantes pudessem investigar, experimentar, dialogar, refletir e construir saberes de forma colaborativa, aproximando o processo educativo das demandas da educação contemporânea e das competências previstas pela Base Nacional Comum Curricular.

Resultados e Discussão

A implementação das metodologias ativas no Ensino Fundamental I evidenciou resultados positivos no processo de ensino e aprendizagem, especialmente no que se refere ao envolvimento dos estudantes, à construção do conhecimento e ao desenvolvimento de competências cognitivas, sociais e emocionais. Ao longo das atividades propostas, observou-se uma mudança gradativa na postura dos alunos, que passaram a assumir um papel mais participativo, investigativo e colaborativo durante as aulas.

No início da experiência, verificou-se que parte da turma apresentava postura predominantemente passiva diante das situações de aprendizagem, aguardando orientações diretas

do professor para iniciar ou concluir as atividades. Essa característica é frequentemente observada em contextos marcados por práticas pedagógicas centradas na transmissão de conteúdos, nas quais o estudante desempenha papel de receptor das informações. Com a adoção das metodologias ativas, percebeu-se uma progressiva ampliação da autonomia dos alunos, que passaram a demonstrar maior iniciativa para resolver problemas, levantar hipóteses, discutir estratégias e buscar diferentes possibilidades de solução.

Ao término do 4º bimestre, observou-se que a turma apresentava diferentes níveis de autonomia e participação nas atividades propostas. Um grupo de estudantes realizava as atividades com independência, demonstrando atenção, iniciativa, capacidade de argumentação e participação ativa nas discussões em sala de aula. Outro grupo desenvolvia grande parte das atividades de forma autônoma, porém ainda necessitava de intervenções pontuais da professora para ampliar a compreensão dos conteúdos e fortalecer a participação nas propostas pedagógicas.

Esse resultado está em consonância com Freire (1996), ao afirmar que ensinar não significa transferir conhecimentos prontos, mas criar condições para que os educandos construam seus próprios saberes. Sob essa perspectiva, o professor assume a função de mediador do processo educativo, promovendo situações de aprendizagem que desafiam os estudantes a pensar, argumentar, investigar e refletir criticamente sobre a realidade.

Durante o desenvolvimento das atividades colaborativas, observou-se significativo fortalecimento das interações entre os estudantes. O trabalho em duplas e pequenos grupos favoreceu a troca de conhecimentos, o respeito às diferentes formas de pensar e a construção coletiva de soluções para os desafios propostos. Alunos que inicialmente demonstravam insegurança passaram a participar com maior frequência das discussões, beneficiando-se da interação com os colegas e da mediação docente.

Esses resultados corroboram os pressupostos da teoria histórico-cultural de Vygotsky (1998), segundo a qual a aprendizagem ocorre por meio das relações sociais. O conceito de Zona de Desenvolvimento Proximal evidencia que o estudante amplia suas possibilidades de aprendizagem

quando recebe apoio de pessoas mais experientes, sejam elas professores ou colegas. Nesse sentido, a aprendizagem colaborativa mostrou-se uma estratégia eficiente para favorecer o avanço de estudantes com diferentes níveis de desenvolvimento.

Outro aspecto relevante observado refere-se ao aumento da motivação durante as atividades pedagógicas. Estratégias como gamificação, jogos educativos, desafios investigativos e rotação por estações despertaram elevado interesse dos estudantes, tornando as aulas mais dinâmicas e estimulantes. Diferentemente das atividades exclusivamente expositivas, as propostas permitiram que os alunos participassem ativamente da construção do conhecimento, assumindo responsabilidades durante o processo de aprendizagem.

Moran (2018) destaca que ambientes ativos favorecem o engajamento porque colocam o estudante diante de situações que exigem tomada de decisões, resolução de problemas e participação constante. Nessa perspectiva, aprender deixa de ser um processo passivo para tornar-se uma experiência significativa, construída por meio da ação, da experimentação e da reflexão.

Os jogos pedagógicos demonstraram grande potencial para o desenvolvimento das habilidades previstas na Base Nacional Comum Curricular. Em Língua Portuguesa, favoreceram a ampliação do vocabulário, o reconhecimento das relações entre

fonemas e grafemas, a leitura fluente, a interpretação textual e a produção escrita. Em Matemática, possibilitaram o desenvolvimento do raciocínio lógico, do cálculo mental, da resolução de problemas e da compreensão das operações fundamentais.

Além dos avanços acadêmicos, os jogos favoreceram habilidades socioemocionais importantes, como persistência, cooperação, respeito às regras, tolerância à frustração e capacidade de trabalhar em equipe. Esses aspectos encontram respaldo nas Competências Gerais da BNCC (Brasil, 2018), que propõem uma formação integral do estudante, contemplando dimensões cognitivas, sociais, emocionais, éticas e culturais.

As atividades investigativas também produziram resultados expressivos. Ao serem convidados a formular hipóteses, observar fenômenos, registrar descobertas e elaborar conclusões,

os estudantes passaram a desenvolver maior capacidade de argumentação e pensamento científico. Nas aulas de Ciências, por exemplo, experimentos simples despertaram curiosidade e favoreceram a compreensão de conceitos por meio da observação e da experimentação. Em Geografia e História, pesquisas sobre a comunidade local e a valorização do patrimônio cultural aproximaram os conteúdos da realidade vivenciada pelos alunos, tornando a aprendizagem mais contextualizada.

Segundo Dewey (1979), aprende-se de forma mais consistente quando o conhecimento está relacionado às experiências concretas dos sujeitos. Para o autor, a escola deve proporcionar situações que possibilitem investigar, experimentar e resolver problemas reais, favorecendo uma aprendizagem contextualizada e significativa. Os resultados observados durante a experiência corroboram essa perspectiva, uma vez que os estudantes demonstraram maior compreensão dos conteúdos quando puderam relacioná-los ao cotidiano.

Outro aspecto significativo refere-se à valorização dos conhecimentos prévios dos estudantes durante o planejamento das atividades. Antes da introdução de novos conteúdos, eram promovidas rodas de conversa, levantamento de hipóteses e discussões coletivas que possibilitavam identificar aquilo que os alunos já sabiam sobre o tema. Essa estratégia favoreceu a construção de novos conhecimentos a partir das experiências anteriores dos estudantes.

Tal prática está diretamente relacionada à teoria da aprendizagem significativa proposta por Ausubel (2003), segundo a qual novos conhecimentos são incorporados à estrutura cognitiva quando estabelecem relações com conceitos previamente existentes. Dessa maneira, o ensino deixa de ser baseado na memorização mecânica e passa a favorecer aprendizagens mais duradouras e funcionais.

A utilização de recursos tecnológicos também contribuiu para ampliar o interesse dos estudantes. Vídeos educativos, apresentações digitais, jogos interativos e pesquisas orientadas favoreceram diferentes formas de acesso ao conhecimento, respeitando múltiplos estilos de aprendizagem. Além disso, os recursos digitais estimularam a curiosidade, a investigação e o desenvolvimento da cultura digital, competência amplamente valorizada pela BNCC.

Conforme Kenski (2012), as tecnologias digitais modificam as formas de ensinar e aprender,

exigindo do professor novas competências relacionadas ao planejamento pedagógico e à mediação dos processos educativos. Entretanto, a autora ressalta que a tecnologia, isoladamente, não transforma a educação; sua eficácia depende da intencionalidade pedagógica e da qualidade das propostas desenvolvidas.

Nesse sentido, observou-se que os melhores resultados ocorreram quando os recursos tecnológicos estavam articulados aos objetivos de aprendizagem e integrados às metodologias ativas, e não utilizados apenas como instrumentos de apresentação de conteúdos. A tecnologia assumiu função mediadora, favorecendo pesquisa, comunicação, colaboração e construção coletiva do conhecimento.

Outro resultado relevante foi a melhoria da participação dos estudantes durante as aulas. Crianças que inicialmente demonstravam pouca iniciativa passaram a contribuir com perguntas, sugestões e comentários, participando de forma mais ativa das discussões. Essa mudança evidencia que ambientes de aprendizagem acolhedores e participativos favorecem o desenvolvimento da confiança e da autonomia, elementos fundamentais para a formação integral do estudante.

Libâneo (2013) afirma que a prática pedagógica deve criar condições para que o aluno participe ativamente da construção do conhecimento, desenvolvendo capacidades intelectuais e atitudes necessárias ao exercício da cidadania. Sob essa perspectiva, as metodologias ativas constituem importantes instrumentos para promover aprendizagens que ultrapassam a simples aquisição de conteúdos, favorecendo o desenvolvimento de competências essenciais para a vida em sociedade.

A experiência também evidenciou que as metodologias ativas contribuíram para o atendimento à heterogeneidade presente na turma. Em salas de aula dos anos iniciais é comum a coexistência de estudantes com diferentes ritmos, estilos e níveis de aprendizagem. Nesse contexto, estratégias como a rotação por estações, as atividades em pequenos grupos e o uso de materiais manipuláveis favoreceram intervenções mais individualizadas, permitindo que cada estudante participasse de acordo com suas necessidades e potencialidades.

Essa organização pedagógica possibilitou ao professor acompanhar mais de perto os estudantes que apresentavam maiores dificuldades, oferecendo mediações específicas sem

comprometer o desenvolvimento das atividades da turma como um todo. Ao mesmo tempo, os alunos que demonstravam maior domínio dos conteúdos puderam ampliar seus conhecimentos por meio de desafios complementares e do apoio prestado aos colegas, fortalecendo a aprendizagem colaborativa.

Segundo Vygotsky (1998), a mediação docente constitui elemento essencial para que os estudantes avancem em seu desenvolvimento cognitivo. Nesse sentido, a atuação do professor durante as atividades mostrou-se determinante para orientar reflexões, propor questionamentos, incentivar diferentes estratégias de resolução e promover situações de aprendizagem que desafiassem os estudantes a superar seus conhecimentos já consolidados.

Outro aspecto observado foi o fortalecimento da autonomia dos alunos ao longo da experiência. Progressivamente, passaram a organizar materiais, distribuir tarefas entre os integrantes dos grupos, registrar informações, planejar estratégias e apresentar conclusões com menor dependência das orientações do professor. Esse processo evidencia que a autonomia não é uma característica inata, mas uma competência desenvolvida por meio de oportunidades sistemáticas de participação, tomada de decisões e responsabilização pelo próprio processo de aprendizagem.

Para Freire (1996), a autonomia constitui uma das finalidades da educação, sendo construída mediante práticas que valorizem o diálogo, a reflexão e a participação ativa dos estudantes. Nessa perspectiva, o protagonismo estudantil observado durante as atividades representa um importante indicativo da efetividade das metodologias ativas para a formação de sujeitos críticos e participativos.

No que se refere à alfabetização e ao letramento, verificaram-se avanços relacionados à ampliação da fluência leitora, à compreensão de diferentes gêneros textuais, ao enriquecimento do vocabulário e à produção escrita. As práticas de leitura compartilhada, dramatizações, rodas de conversa, jogos linguísticos e produções coletivas favoreceram um ambiente alfabetizador em que a linguagem escrita foi utilizada em situações reais de comunicação.

De acordo com Soares (2020), alfabetizar e letrar constituem processos indissociáveis, uma vez que a aprendizagem do sistema de escrita deve ocorrer simultaneamente ao desenvolvimento das práticas sociais de leitura e escrita. As metodologias ativas contribuíram para essa integração ao

inserir os estudantes em situações contextualizadas, nas quais a leitura e a escrita assumiram funções comunicativas significativas.

Em Matemática, a resolução de problemas contextualizados favoreceu o desenvolvimento do raciocínio lógico e da capacidade de argumentação. Em vez de memorizar procedimentos, os estudantes foram incentivados a analisar diferentes estratégias, justificar respostas, comparar soluções e utilizar materiais concretos para representar conceitos matemáticos. Essa abordagem promoveu maior compreensão dos conteúdos e reduziu a dependência de procedimentos exclusivamente mecânicos.

Conforme a Base Nacional Comum Curricular (Brasil, 2018), o ensino da Matemática deve priorizar a resolução de problemas, a investigação e o desenvolvimento do pensamento matemático. Os resultados observados demonstram que as metodologias ativas dialogam diretamente com essas orientações, favorecendo aprendizagens mais consistentes e contextualizadas.

Outro aspecto relevante refere-se ao desenvolvimento das competências socioemocionais. Durante as atividades colaborativas, os estudantes exercitaram habilidades como escuta ativa, empatia, cooperação, respeito às diferenças, negociação e resolução de conflitos. Essas competências mostraram-se fundamentais para o fortalecimento do clima escolar e para a melhoria das relações interpessoais entre os alunos.

A literatura educacional destaca que o desenvolvimento integral envolve não apenas aspectos cognitivos, mas também dimensões afetivas, sociais e éticas (LIBÂNEO, 2013). Dessa forma, as metodologias ativas ampliam as possibilidades educativas ao promover situações em que os estudantes aprendem a conviver, dialogar, colaborar e assumir responsabilidades coletivas.

A avaliação formativa constituiu outro elemento essencial da experiência. Em vez de se restringir à atribuição de notas, o processo avaliativo foi utilizado como instrumento permanente de acompanhamento da aprendizagem. Observações sistemáticas, registros individuais, produções dos estudantes, autoavaliações e devolutivas frequentes forneceram informações relevantes para o replanejamento das ações pedagógicas.

Luckesi (2011) defende que a avaliação deve estar a serviço da aprendizagem, possibilitando

ao professor identificar dificuldades, reconhecer avanços e definir intervenções capazes de favorecer o desenvolvimento dos estudantes. Os resultados da experiência confirmam essa perspectiva, evidenciando que o acompanhamento contínuo permitiu adequar as estratégias às necessidades identificadas ao longo do processo.

Apesar dos resultados positivos, alguns desafios também foram identificados. A implementação das metodologias ativas exige planejamento criterioso, seleção adequada de recursos, organização dos tempos e espaços escolares e constante formação do professor. Em determinados momentos, observou-se a necessidade de maior tempo para preparação das atividades, elaboração de materiais e organização dos grupos de trabalho.

Outro desafio refere-se à adaptação inicial dos estudantes a uma proposta em que assumem maior protagonismo. Alguns alunos demonstraram insegurança diante de situações que exigiam tomada de decisões, levantamento de hipóteses e resolução autônoma de problemas. Contudo, à medida que as práticas se tornaram parte da rotina pedagógica, essas dificuldades foram gradativamente superadas, evidenciando que a autonomia é construída por meio da vivência contínua dessas experiências.

Também se constatou que as metodologias ativas não substituem o papel do professor nem eliminam a importância do planejamento pedagógico. Ao contrário, demandam uma atuação docente ainda mais intencional, baseada na definição de objetivos claros, na mediação qualificada das aprendizagens e na avaliação constante do processo educativo. Como afirmam Bacich e Moran (2018), a inovação metodológica somente produz resultados significativos quando está articulada a uma proposta pedagógica consistente e comprometida com a aprendizagem dos estudantes.

Outro aspecto relevante diz respeito à necessidade de formação continuada dos docentes. A adoção de metodologias ativas requer conhecimentos sobre diferentes estratégias didáticas, uso pedagógico das tecnologias, avaliação formativa e organização de ambientes colaborativos de aprendizagem. Investir na formação profissional contribui para ampliar a segurança dos professores na implementação dessas práticas e favorece sua consolidação no cotidiano escolar.

Os resultados obtidos reforçam que a utilização das metodologias ativas favorece uma

aprendizagem mais significativa, participativa e contextualizada, em consonância com os princípios da BNCC e com os pressupostos das teorias contemporâneas da aprendizagem. Ao promover situações em que os estudantes investigam, dialogam, experimentam, refletem e constroem conhecimentos coletivamente, essas metodologias contribuem para a formação de sujeitos autônomos, críticos e capazes de atuar de maneira responsável diante dos desafios da sociedade contemporânea.

Por fim, a experiência evidencia que a inovação pedagógica não depende exclusivamente da incorporação de novas tecnologias ou recursos diferenciados, mas da adoção de práticas fundamentadas em princípios que valorizem o estudante como protagonista do processo educativo. Quando planejadas de forma intencional e articuladas aos objetivos de aprendizagem, as metodologias ativas tornam-se importantes instrumentos para qualificar o ensino nos anos iniciais do Ensino Fundamental, favorecendo aprendizagens duradouras e socialmente significativas.

Considerações Finais

O presente relato de experiência teve como objetivo analisar as contribuições das metodologias ativas para o processo de ensino e aprendizagem nos anos iniciais do Ensino Fundamental, evidenciando seus impactos no desenvolvimento da autonomia, da participação e da aprendizagem significativa dos estudantes. Os resultados observados ao longo da experiência demonstraram que a adoção de estratégias centradas no protagonismo discente favoreceu o engajamento dos alunos, a construção colaborativa do conhecimento e o desenvolvimento de competências previstas na Base Nacional Comum Curricular (BNCC).

A utilização de metodologias como Aprendizagem Baseada em Problemas, Aprendizagem Baseada em Projetos, rotação por estações, gamificação, jogos pedagógicos, atividades investigativas e aprendizagem colaborativa mostrou-se adequada às características dos estudantes dos anos iniciais, possibilitando que diferentes estilos e ritmos de aprendizagem fossem contemplados por meio de práticas diversificadas e contextualizadas.

Constatou-se que a participação ativa dos estudantes favoreceu não apenas avanços no desempenho acadêmico, mas também o desenvolvimento de competências socioemocionais, como cooperação, empatia, responsabilidade, comunicação, respeito às diferenças e resolução de conflitos. Esses aspectos reforçam a concepção de educação integral defendida pela BNCC, que compreende o estudante em suas múltiplas dimensões — cognitiva, social, emocional, ética e cultural.

Outro aspecto evidenciado refere-se ao fortalecimento do papel do professor como mediador da aprendizagem. Longe de reduzir sua importância, as metodologias ativas demandam planejamento criterioso, acompanhamento contínuo, intervenções pedagógicas qualificadas e avaliação processual, exigindo do docente postura investigativa e constante aperfeiçoamento profissional. Assim, o professor assume a função de organizar experiências educativas que possibilitem aos estudantes investigar, argumentar, criar, refletir e construir conhecimentos de maneira colaborativa.

A avaliação formativa mostrou-se elemento essencial para o acompanhamento do processo educativo, permitindo identificar dificuldades, reconhecer avanços e replanejar as intervenções pedagógicas sempre que necessário. Ao assumir caráter diagnóstico e mediador, a avaliação contribuiu para tornar o ensino mais responsivo às necessidades dos estudantes, favorecendo aprendizagens mais consistentes.

Embora a implementação das metodologias ativas apresente desafios relacionados ao tempo de planejamento, à organização dos espaços escolares, à disponibilidade de recursos e à formação continuada dos docentes, os benefícios observados ao longo da experiência indicam que tais estratégias constituem um importante caminho para a qualificação das práticas pedagógicas na Educação Básica.

Os resultados obtidos corroboram os pressupostos teóricos de Freire, Vygotsky, Piaget, Ausubel, Dewey, Moran, Bacich, Libâneo e Luckesi, evidenciando que a aprendizagem ocorre de maneira mais significativa quando os estudantes participam ativamente da construção do conhecimento, estabelecendo relações entre os conteúdos escolares e suas vivências.

Dessa forma, conclui-se que as metodologias ativas representam uma alternativa consistente para promover uma educação mais democrática, participativa e contextualizada, contribuindo para a

formação de estudantes críticos, autônomos, colaborativos e preparados para enfrentar os desafios de uma sociedade em constante transformação.

Como perspectiva para futuras pesquisas, recomenda-se ampliar investigações que analisem os impactos das metodologias ativas em diferentes contextos educacionais, considerando variáveis como desempenho acadêmico, inclusão escolar, desenvolvimento de competências socioemocionais e integração das tecnologias digitais às práticas pedagógicas. Estudos dessa natureza poderão subsidiar a elaboração de políticas públicas e programas de formação continuada voltados ao fortalecimento da inovação pedagógica na Educação Básica.

Referências

AUSUBEL, David Paul. Aquisição e retenção de conhecimentos: uma perspectiva cognitiva. Lisboa: Plátano, 2003.

BACICH, Lilian; MORAN, José (org.). Metodologias ativas para uma educação inovadora: uma abordagem teórico-prática. Porto Alegre: Penso, 2018.

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília: MEC, 2018.

DEWEY, John. Democracia e educação: introdução à filosofia da educação. 4. ed. São Paulo: Nacional, 1979.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. 68. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2021.

GIL, Antonio Carlos. Métodos e técnicas de pesquisa social. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

KENSKI, Vani Moreira. Educação e tecnologias: o novo ritmo da informação. 8. ed. Campinas: Papirus, 2012.

LIBÂNEO, José Carlos. Didática. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2013.

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli Eliza Dalmazo Afonso de. Pesquisa em educação: abordagens qualitativas. 2. ed. Rio de Janeiro: E.P.U., 2018.

LUCKESI, Cipriano Carlos. Avaliação da aprendizagem escolar: estudos e proposições. 22. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

MORAN, José. Metodologias ativas para uma aprendizagem mais profunda. In: BACICH, Lilian; MORAN, José (org.). Metodologias ativas para uma educação inovadora: uma abordagem teórico-prática. Porto Alegre: Penso, 2018. p. 35-76.

PIAGET, Jean. A equilibração das estruturas cognitivas: problema central do desenvolvimento. Rio de Janeiro: Zahar, 1976.

SOARES, Magda. Alfabetização e letramento. 7. ed. São Paulo: Contexto, 2020.

VYGOTSKY, Lev Semionovich. A formação social da mente. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.